

Apresentação

Não há fronteiras na literatura.
Salman Rushdie

Literatura y exilio son, creo, las dos caras de la misma moneda, nuestro destino puesto en manos del azar. Sin salir de mi casa conozco el mundo, dice el Tao Te King, e incluso así, sin salir uno de su propia casa, el exilio y el destierro se hacen presentes desde el primer momento.

Roberto Bolaño

Este dossiê, intitulado *A literatura luso-brasileira no contexto global: atravessando fronteiras* e organizado pela Profa. Dra. Juliana Queiroz (Universidade Federal do Pará) e pela Profa. Dra. Luciana Namorato (Indiana University Bloomington), examina a literatura escrita em língua portuguesa para além dos limites nacionais de seus autores. Tomamos como guia a noção de transversalidade, tanto em relação às fronteiras entre diversas nações e idiomas, como em relação ao cruzamento entre diferentes disciplinas e áreas do conhecimento. Nesse contexto de um estudo comparatista e interdisciplinar das literaturas de língua portuguesa, apoderar-se torna-se sinônimo de dialogar, e as traduções e apropriações deixam de ser vistas como tentativas ou reproduções imperfeitas (e inferiores a um “original”), passando a ser valorizadas por suas relações extrínsecas com os contextos históricos e sociológicos onde foram efetuadas.

Nosso dossiê se alinha às práticas atuais da Literatura Comparada, que almejam a deposição do idioma canônico como única forma de expressão, assim como o alargamento da literatura, tanto em seu eixo espacial, como no que tange às formas literárias (COUTINHO, 2013). A busca por um viés menos excludente e elitista, ou seja, por um retrato mais inclusivo da literatura, conduz-nos a valorizar não mais “a relação de semelhança ou continuidade, sempre desvantajosa para o texto segundo, mas o elemento de diferenciação que esse último introduz no diálogo intertextual estabelecido com o primeiro”, primando por um “verdadeiro diálogo de culturas” (COUTINHO, 2000, p. 14-15). Nosso convite ao exame das interseções entre a literatura luso-brasileira e o multifacetado conceito de fronteira evita, assim, qualquer teor hegemônico e qualquer propensão de universalidade. Este dossiê valoriza, por outro

lado, a problematização do conceito de dependência cultural através da ênfase em questões locais e particulares que moldam a produção artística de um(a) autor(a) e guiam sua relação com as culturas “exteriores”, em outras palavras, com o que estaria do outro lado das fronteiras de sua obra, sejam elas geográficas ou metafóricas. Conforme ressalta Edgar César Nolasco, quando se compara “respeitando as diferenças e os contextos, inclusive no modo de tomar os textos críticos do passado, comparar é uma ação política do crítico” (2018, on-line).

Durante a concepção deste dossiê, exploramos definições variadas do conceito de fronteira, sempre guiadas pela relevância e atenção que essa abordagem tem recebido nas últimas décadas. O estudo da literatura luso-brasileira em um contexto global, ou seja, em suas relações com obras e autores a ela estrangeiros, alarga (e com frequência põe em questão) o conceito de literatura nacional e ratifica a afirmação do escritor chileno Roberto Bolaño, de que, “para o escritor de verdade, sua única pátria é sua biblioteca” (2009, on-line, nossa tradução). Como ressalta Ieda Magri, o campo literário opera com certa autonomia em relação ao mapa geopolítico (2003).

Os escritores brasileiros sempre foram grandes consumidores de literatura estrangeira. No século XIX, por exemplo, grande parte da literatura publicada no Brasil passava por livreiros estrangeiros. Desta forma, “desde sempre, a questão crucial esteve em inverter o sentido dessa internacionalização” (GUIMARÃES, 2012, on-line). O desejo de se aumentar a presença dos autores lusófonos no mercado internacional é confirmado por incentivos financeiros como o oferecido pela Fundação Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura do Brasil que, desde 1991, já patrocinou a tradução de mais de 300 autores(as) brasileiros(as) a outras línguas, assim como a publicação de obras de escritores(as) brasileiros(as) na Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Entre os autores brasileiros mais traduzidos e lidos no exterior, encontram-se Paulo Coelho, Jorge Amado, Machado de Assis, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. De modo semelhante, a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas de Portugal oferece incentivos financeiros em prol da tradução de obras de autores de língua portuguesa. Entidades particulares em Portugal, como a Fundação Calouste Gulbenkian, também oferecem bolsas que favorecem a divulgação da língua e da cultura portuguesa no exterior.

O interesse pelo diálogo entre a literatura luso-brasileira e a literatura estrangeira se comprova através de publicações recentes que, por exemplo, examinam a literatura brasileira dentro do contexto mais amplo da cultura ocidental, como *Brasil imaginado*, de Darlene Sadlier (São Paulo: EDUSP, 2016), *Mundivivências: leituras comparativas de Guimarães Rosa*, de Luiz Fernando Valente (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011), e *Travessia II: literatura comparada de Oswald de Andrade e Manuel Puig a Gil Vicente, Brecht, Suassuna e Henrique Guerra*, de Dorine Cerqueira (Salvador: EDUFBA, 2010). Várias obras atuais exploram as relações entre a literatura luso-brasileira e latino americana, entre as quais se podem listar *Beyond Tordesillas: New Approaches to Comparative Luso-Hispanic Studies*, editada por Robert Newcomb e Richard Gordon (Columbus: The Ohio State University Press, 2017), *Anti-Literature: the Politics and Limits of Representation in Modern Brazil and Argentina*, de Adam Joseph Shellhorse (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2017), e *Racism in Novels: a Comparative Study of Brazilian and South American Cultural History*, de Ellaine Rocha (Newcastle: Cambridge Scholars, 2010).

Em uma entrevista de 1986, o escritor português José Saramago, consagrado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1998, descreveu as relações literárias entre o Brasil e Portugal como “A nossa velha e triste questão” (on-line). Apesar de partilharem uma longa história colonial, bem como uma língua comum e um sem-número de elementos culturais, Brasil e Portugal teriam se distanciado culturalmente após a independência política do Brasil. A opinião de Saramago é ainda predominante hoje em dia entre inúmeros escritores e críticos. Entretanto, ainda que diluídos e por vezes disfarçados, os laços entre os grandes escritores do Brasil e de Portugal jamais foram completamente desfeitos, como demonstram estudos literários e culturais revisionistas, como os recentes *[Des]Conexões entre Portugal e o Brasil: séculos XIX e XX*, de Tania Martuscelli (Lisboa: Edições Colibri, 2016), e *O modernismo brasileiro e o modernismo português*, de Arnaldo Saraiva (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015). Destacam-se também, nos últimos dez anos, publicações de obras críticas que examinam a literatura escrita em português dentro de um contexto lusófono, expandido para além do eixo binário Brasil-Portugal e alcançando a África lusófona, como *Ficção em língua portuguesa: ensaios*, organizado por Petar Petrov (Lisboa: Roma, 2010), e

The Portuguese-Speaking Diaspora: Seven Centuries of Literature and the Arts (Austin: University of Texas Press, 2016).

A urgência de interdisciplinaridade, trazida à tona e cultivada pelos estudos culturais, faz-se presente em nosso dossiê por meio de ensaios que tratam das relações entre o texto literário e outras áreas do saber, como a História, a Religião, a Geografia, a Filosofia e os Estudos de Gênero. A relevância do exame das fronteiras metafóricas entre a literatura e outras disciplinas é confirmada pela publicação de obras como *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*, de Rita Chaves (São Paulo: Ateliê Editorial, 2005), que examina o processo de transfiguração de um passado de lutas pela emancipação em arte. Outra obra atual, de relevância para o estudo da literatura em sua relação com outras áreas do saber, é a coleção, em três volumes, intitulada *Teografias: literatura e religião* (Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 2011-2013). Coordenada pelo Professor António Manuel Ferreira e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência de Portugal, essa coleção abriga ensaios que investigam a presença de temas religiosos no discurso literário, principalmente nas literaturas em língua portuguesa.

Vale a pena lembrar que, além das fronteiras metafóricas, não se podem esquecer as fronteiras concretas, ainda relevantes hoje em dia, embora com frequência voláteis e contestadas. Essas fronteiras são ultrapassadas toda vez que uma obra abandona o país em que fora concebida para ser impressa, lida e reinventada em outras paisagens. Elas são também transpostas quando um(a) escritor(a) imprime marcas de suas raízes em uma obra publicada fora de sua nação, como se dá com a vertente lusófona da literatura latina nos Estados Unidos, somente um dos tantos exemplos da produção literária associada à diáspora luso-brasileira, que inclui expatriados originários de países onde o português é a língua oficial, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial, Macau, Timor Leste, Portugal e Brasil. Para ficar somente no exemplo da diáspora brasileira, vale a pena destacar o Encontro Mundial de Escritores Brasileiros no Exterior, que ocorre anualmente desde 2013 e é liderado pela Professora Else Vieira (Queen Mary University, Londres/Universidade Federal de Juiz de Fora), também editora da coletânea *Escritores da diáspora brasileira: ações editoriais e processos de alteridade* (Belo Horizonte:

Mazza, 2015). Esse encontro mundial se concentra na literatura dos escritores brasileiros que escrevem em português, mas produzem suas obras e as publicam fora do Brasil, e sua edição mais recente aconteceu no Líbano, em 2017, com o tema “Emigração e Produção Literária: causa ou consequência?”. O mérito da literatura em língua portuguesa escrita no exterior fica aqui registrado como um convite a futuros ensaios sobre esse crescente fenômeno literário.

O presente dossiê apresenta textos que podem ser divididos em quatro grandes eixos temáticos: 1) o estudo comparativo entre obras luso-brasileiras e estrangeiras; 2) o exame de obras em língua portuguesa dentro de um contexto lusófono; 3) a comparação entre obras literárias de diferentes autores pertencentes a uma mesma nação; e 4) a análise das interseções entre a literatura e outras áreas do conhecimento.

O primeiro artigo do primeiro grupo, que trata de obras de autores de língua portuguesa em diálogo com obras estrangeiras, é intitulado *Ao correr dos olhos: presença de fatores nacionais e estrangeiros nas crônicas de José de Alencar*. Nele, Valéria Cristina Bezerra ressalta o caráter transnacional do projeto literário oitocentista de Alencar, apresentando ao leitor um estudo da relação entre a nacionalidade brasileira e a cultura estrangeira conforme representada nas crônicas do escritor. A autora enfatiza a relação entre imprensa e literatura, demonstrando que a escrita literária dos autores oitocentistas sofreu influência decisiva do ritmo intenso da produção periódica brasileira e estrangeira.

No segundo artigo, *Uma poça d’água sublime. Representações da vertigem feminina*, Olga Donata Guerizoli Kempinska conduz uma análise literária do tema da vertigem em Virginia Woolf, Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, Wisława Szymborska e Clarice Lispector. Kempinska examina a elaboração da subjetividade feminina na obra dessas autoras por meio do potencial sublime da experiência da vertigem e, mais especificamente, da poça d’água, e chama atenção para o fato de a vertigem remeter, ao mesmo tempo, para o exagero, a fragilidade e o lado infantil da mulher. A autora conclui seu artigo chamando a atenção para a “urgência de se inventar um lugar a partir do qual falar, lugar que possa ser chamado de feminino sem significar o feminino construído pelo olhar (e em oposição ao) masculino”.

No terceiro artigo do primeiro eixo temático, Saulo Gouveia faz uma comparação entre o romance *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, e a

trilogia *MaddAddam*, da escritora canadense Margaret Atwood. Ao ler, portanto, *O catastrofismo ecodistópico: perspectivas do Brasil e da América do Norte*, entramos em contato com a representação literária de um futuro pós-catastrófico nessas narrativas que fogem ao modelo estereotipado e/ou sensacionalista do gênero distópico.

A esse grupo de artigos vem somar o quarto deles, intitulado *O filho bastardo: o vampirismo em João Cardoso de Menezes e Souza*, de autoria de Letícia Cristina Alcântara Rodrigues. Nesse texto, Rodrigues se lança à análise daquela que pode ser considerada a primeira obra da literatura brasileira que tem a figura do vampiro como elemento central: o poema “Octavio e Branca ou a maldicção materna”. Em comparação com a tradição europeia em torno do vampirismo na literatura, a autora lança um novo olhar sobre a obra brasileira.

Fechando esse primeiro grupo de textos, temos o artigo *O Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e a circulação de livros e leitores (1878-1879)*, de Juliana Maia de Queiroz e Lueny Amanda Oliveira França, sobre anúncios publicados no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro mensalmente com a finalidade de veicular dados sobre a saída e entrada de livros no Gabinete Português de Leitura no final da década de setenta do século XIX. A partir dessa fonte primária específica, as autoras investigam melhor o universo da circulação de livros e das práticas de leitura no Rio de Janeiro oitocentista, chamando a atenção para a forte presença de narrativas estrangeiras naquele contexto.

O segundo grupo de artigos é composto por três textos que se voltam para os diálogos literários dentro de um contexto lusófono. Começamos com as *Relações literárias de Alexandre Herculano com a cultura letrada brasileira*. Nele, Hugo Lenes Menezes parte do famoso texto de Herculano, “O futuro literário de Portugal e do Brasil” (1846), em que o escritor português elogia a produção de Gonçalves Dias, para explicitar as mais variadas relações literárias entre narrativas do autor português com outros escritores brasileiros, como Bernardo Guimarães e José Alencar, entre outros.

O segundo artigo é de Taís Xavier Carvalho e Luciana Namorato: *A ludicidade como instrumento de discussão de temas identitários e culturais na literatura infantil – uma análise de Beto, o carneiro, de Ana Maria Machado, e O voo do Golfinho, de Ondjaki*. Nesse texto, as autoras, a partir da comparação das obras em foco, analisam de que maneira questões de identidade e de pluralização cultural se fazem presentes através

da ludicidade nessas narrativas infantis, gênero cuja complexidade se mostra maior do que a crítica costuma lhe atribuir.

Fechando esse grupo, temos o artigo *Ser-só e ser-com em contos de Clarice Lispector e Florbela Espanca: um estudo de “Obsessão” e “Amor de outrora”*, de Luciana de Barros Ataíde e Antônio Máximo Ferraz. Nele, os autores lançam mão da comparação entre Florbela Espanca e Clarice Lispector, escritoras que, embora distantes no tempo e no espaço geográfico, se aproximam por terem produzido obras literárias que não se configuram apenas como arte da palavra, mas também como uma forma de conhecimento humano universal, uma vez que desvelam o drama da vida humana através da relação de homens e mulheres consigo mesmos e com o outro.

No terceiro grupo, apresentamos dois artigos que têm em comum o fato de estabelecerem comparações entre autores(as) e obras que pertencem a uma mesma nação. O primeiro deles é *A metaficção em Haroldo Maranhão: dicção machadiana*, de Paulo Alberto da Silva Sales. Em uma inovadora abordagem do escritor paraense, Paulo Sales serve-se do conceito de metaficção ao analisar o romance *Memorial do fim: a morte de Machado de Assis* (1991), obra que problematiza aspectos biográficos, trechos fictícios e elementos intertextuais do autor oitocentista, que acaba sendo, assim, “recriado” por Haroldo Maranhão.

O segundo artigo, *E esta paisagem é cheia de sol deste lado: a poesia portuguesa pós-74 com Joaquim Manuel Magalhães, Adília Lopes e Luís Quintais*, de André Carneiro Ramos, volta-se para a poesia portuguesa contemporânea. Ramos analisa e aproxima a produção desses três poetas portugueses, cujos poemas problematizam a escrita, o mundo atual e o modo de ser português, conceitos que são assim repensados e reescritos em suas obras.

O quarto e último grupo de artigos é voltado para o que seriam as fronteiras metafóricas. O primeiro deles, *Pelos mapas imaginários de Tão longo amor, tão curta a vida*, de autoria de Mariana Braga, analisa o romance de Helder Macedo. O foco do trabalho recai sobre os mapas desenhados e redesenhados pelo personagem-protagonista de *Tão longo amor, tão curta a vida*, Victor Marques da Costa, interpretados a partir da concepção de “alegoria”. Na obra de Macedo, os mapas imaginários servem como uma estratégia de negociação com o espaço geográfico e com o espaço interior do sujeito.

Em “*Eu quero ver o Atlântico*”: a ficção portuguesa “marginal” depois da revolução, de Sandra Sousa, entram em cena o escritor Carlos Tomé e seu romance *Morreremos amanhã* (2007). Santos faz uma leitura pelo viés do questionamento dos valores, ideias e mitos presentes na construção narrativa de Tomé, revisitando assim histórias dos “fantasmas” da consciência coletiva portuguesa, ou seja, dos homens e mulheres “de guerra” cujas experiências a História oficial não narra.

Fechando nosso dossiê, temos o artigo *Amável formalidade: a religião em Machado de Assis*, de Paulo Sérgio de Proença, em que o autor lança um olhar pouco convencional sobre a obra do escritor brasileiro, evidenciando o modo como a religião, com papel de destaque para o texto bíblico, é utilizada por Machado como fonte literária na composição de suas narrativas. Na obra do escritor oitocentista, destacam-se as representações literárias de personagens da igreja católica, como os sacerdotes, assim como de personagens relacionados a crenças marginais da época, tais como cartomantes, caboclas e profetas. Na esteira dos estudos já publicados sobre o tema, o autor do artigo os atualiza e aprofunda.

Fica agora, sem mais delongas, o convite à leitura do número 48 da *Revista Moara*, que muito nos honrou organizar.

Juliana Maia de Queiroz (UFPA) e Luciana Namorato (IUB)
Belém e Bloomington, 23 de março de 2018

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, R. El exilio y la literatura. *Blog de Daniel Rojas Pajas*. 2009. Disponível em: <<http://danielrojaspachas.blogspot.com/2010/05/el-exilio-y-la-literatura-por-roberto.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

CASANOVA, P. *República mundial das letras*. Traduzido por Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

COUTINHO, E. F. O comparativismo brasileiro dos anos 90: globalização e multiculturalismo. *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 9-16, 2000.

_____. *Literatura comparada: reflexões*. São Paulo: Annablume, 2013.

GUIMARÃES, Hélio. Descaminhos da literatura brasileira no exterior. *Valor Econômico*. 19 out. 2012. Disponível em:
<<http://www.valor.com.br/cultura/2871806/descaminhos-da-literatura-brasileira-no-exterior>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

MAGRI, I. O mapa da literatura brasileira atual no contexto da América Latina. *Educação Pública: CEDERJ*. 7 maio 2003. Disponível em:
<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0159.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

NOLASCO, E. C. Literatura comparada hoje: estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada? *Caderno de Estudos Culturais*, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em:
<<http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/2183>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SARAMAGO, J. Portugal e Brasil, desunião cultural. Entrevista concedida a Ana Maria F. de Carvalho. *Revista Pau-Brasil*, n. 11, março-abril de 1986. Disponível em:
<<http://www.consciencia.org/entrevista-jose-saramago-portugal-e-brasil-desuniao-cultural>>. Acesso em: 15 mar. 2018.